

ENTRE PERFORMANCES E FESTAS

Autora: Márcia Chiamulera¹

Universidade Federal de Santa Maria - UFSM/RS

Palavras-chave: Performances Festas étnicas Rituais

Apresentamos neste texto algumas questões relativas ao projeto de pesquisa que está sendo desenvolvido pela autora no mestrado em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Santa Maria - UFSM/RS. A pesquisa situa-se entre um grupo de descendentes de imigrantes italianos e nosso objeto de pesquisa encontra-se entre performances e festas. A pesquisa situa-se em Silveira Martins, cidade do centro do Rio Grande do Sul e pertencente à denominada Quarta Colônia de Imigração Italiana.

Inicialmente traçamos o pensamento que nos orienta a considerar festas como rituais e de que modo observamos as performances em relação a estas. Nossa primeira hipótese de estudos compreende as festas como rituais - modo de afirmação, criação, transformação e reafirmação de uma identidade coletiva, concretizadas pelas performances, quer dizer cuja eficácia concentra-se nas performances. Neste caso, nos questionamos *como* se dão as performances e de que modo as performances geradas pelas festas e a partir delas são boas para pensar e para viver uma forma de identidade/etnicidade. Outra questão para a qual gostaríamos de chamar atenção diz respeito ao lugar das performances partindo da observação de que a festa em si é performance e, ao mesmo tempo, a festa é um campo gerador de performances. Tentaremos brevemente discutir estas observações, de modo que gostaríamos, através deste escrito, criar debates construtivos que nos impulsionassem a aprofundar os estudos de performance.

As festas que nos referimos são essencialmente festas étnicas, delimitam-se num espaço de imigração italiana, cujos atores são descendentes ou simpatizantes. Tomamos estas festas como rituais que tem por características criar e recriar uma sociedade com base em valores e tradições, reafirmar sua própria identidade coletiva no momento de interação da festa, considerando o poder que as festas têm de reavivar velhas tradições, reforçar laços de origem ou de incorporar novos elementos e anseios.

Tratando do 'surgimento' dos rituais, a primeira questão presente é a proximidade e até mesmo a não separação destes com a religião. Ainda hoje há equívocos que concebem o ritual como sendo apenas parte de uma religião, algo ultrapassado, arcaico ou místico. Nas observações de Segalen (2002) refletimos acerca da contemporaneidade dos ritos e rituais expandidos, inclusive, para eventos cotidianos. Segalen nos informa que as primeiras formalizações deste conceito surgiram associadas ao religioso através do sagrado Durkheim teria chegado ao rito a partir da análise do religioso, distinguindo-se duas vias de associação, primeiro separando o sagrado do profano; segundo, incluindo dois elementos, as crenças e os

ritos. Durkheim (1996) traz a noção de que os ritos se distinguem das outras práticas humanas pela natureza especial de seu objeto que é expresso pela crença, então, seria necessário definir a crença para definir o rito. Crenças e ritos são as duas categorias fundamentais dos fenômenos religiosos². As crenças religiosas são representações que exprimem a natureza das coisas sagradas e as relações que elas mantêm, entre si ou com as coisas profanas. Rituais e representações, seriam determinantes da vida em sociedade, e estariam presentes, por exemplo, em festividades como demonstrações populares.

Assim, os ritos seriam antes de tudo, momentos de efervescência coletiva pelos quais o grupo, em momentos de interação, reafirma a si próprio e a sua identidade: “as representações religiosas são representações coletivas que expressam realidades coletivas; os ritos são maneiras de agir que só nascem dentro de grupos reunidos e que estão destinadas a suscitar, manter ou fazer renascer certos estados mentais desses grupos”³.

Do nosso ponto de vista, as festas étnicas são rituais pois têm a “função” de representar ideais coletivos, reafirmar crenças, valores, costumes, ao mesmo tempo em que mantêm viva a própria tradição do grupo, funcionando como forma de ensino e transmissão de conhecimento, também podem ser o modo de expressão de um grupo ou mesmo instrumento político. O que sublinhamos é o *como* estas festas têm se realizado, ou seja, as performances que vêm gerando e as que são por ela geradas. Independente do caráter religioso ou não, estas as festas geram outras ações como tríduos⁴ ou manifestações semelhantes, geram redes de solidariedade entre os moradores bem como ações coletivas para suprir as necessidades de organização.

Peirano traz ainda a noção de que os rituais como sistemas culturalmente construídos de comunicação simbólica, “deixam de ser apenas a ação que corresponde a (ou deriva de) um sistema de idéias”⁵, assim redimensionando-os, se tornam bons para pensar e bons para agir, além de serem socialmente eficazes. Também Tambiah⁶ discute acerca da eficácia afirmando que esta deriva do caráter performativo do rito em três sentidos: primeiro que o enunciado é também ação - dizer é também fazer como ato convencional; segundo, no sentido de uma performance que usa vários meios de comunicação através dos quais os participantes experimentam intensamente o evento; e, finalmente, no sentido de remeter a valores que são vinculados ou inferidos pelos atores durante a performance. Da perspectiva de Peirano, “o caráter performativo de ritual está contido na relação entre forma e conteúdo”⁷, assim, o vínculo entre forma e conteúdo torna-se essencial à eficácia e as considerações culturais integram-se, implicadas, na forma que o ritual assume.

Visto a abrangência do campo das performances, aqui delimitamo-nos compreendendo as representações e encenações da própria cultura em questão circunscritos às festas. Acerca da teorização de Schechner sobre performance, trazemos à discussão o processo chave apontado por ele para todo tipo de performance - cotidianas, rituais ou artísticas-, se trata do comportamento restaurado ou comportamento duas vezes exercido. Conforme as observações

de Schechner as performances são constituídas por “pedaços de comportamento”⁸, que são organizados e reorganizados, diferem nas combinações entre si, mas nunca se repetem, e por mais que estes pedaços estejam numa mesma ordem a ser repetida nunca poderá se repetir, pois, incluem-se no “refazer” fatores externos e internos, sociais e pessoais, como espaço, tempo, circunstâncias, etc. Estes pedaços de comportamento que compõem as performances são situados pelo autor como comportamentos aprendidos, treinados ou ensaiados.

Poderíamos ver estes comportamentos aprendidos num nível corporal – jeito de andar, a postura, o tom da voz, altura, etc. e num nível expressivo, a conduta ou o comportamento, o modo de comunicação, etc. Esta perspectiva nos abre possibilidades para analisar pelo corpo e suas expressões ou performances, de modo geral, um determinado contexto, um determinado segmento social e suas relações. Assim, poderíamos investir nas performances como símbolos significantes de determinada cultura, manifestas através de corpos, que se destinam a iluminar algo. Ao mesmo tempo, estes corpos são construções sociais e culturais e são construtores da cultura e sociedade, eles são representantes e representados. São corpos que representam indivíduos e coletividades, suas performances são o modo como se expressam, como se (re)afirmam, se (re)constróem; e em momentos de interação como as festas colocam-se, a si próprios, em contínuo refazer. Estes são momentos em que através de suas performances também transmitem conhecimentos, do qual poderíamos dizer, suscitarão outros momentos como este, porém aprendidos, restaurados e executados em diferentes contextos, diferente espaço-tempo, exigindo do performer a descoberta de como ajustar e exercer as ações em relação às circunstâncias.

O surgimento do conceito performance se dá a partir das preocupações com o papel simbólico na vida humana e a construção de um conceito de cultura conseqüente dessa visão simbólica, passando-se a visão da cultura como transitória e de caráter contínuo, cujo enfoque desta nova tentativa de interpretação está no ator social como agente consciente, interpretativo e subjetivo. Os atores sociais são os produtores de cultura e o enfoque se volta à interpretação, conforme Langdon (1996, p. 24) “é por meio da interpretação social que a cultura emerge”. Neste sentido, podemos lançar nosso olhar para a expressão da fala, do corpo, dos gestos, dos olhares, para a função poética e para a experiência que é evocada através da performance, para o momento de sublimação e suspensão do tempo cotidiano. Ao que parece as festas podem ser um campo bastante fértil para análise. A festa em si como performance de determinado grupo e a festa como sendo o palco para ocorrência de performances pelos indivíduos.

Referências Bibliográficas

DURKHEIM, Emile. **As Formas Elementares da Vida Religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 1996 [1968].

_____. **Emile Durkheim**. Compilação de textos. Organizador: José Albertino Rodrigues. Coordenador: Florestan Fernandes. São Paulo: ed. Ática, 2006

LANGDON, Jean. **Performáticos, Performances e Sociedade**. Brasília: Ed. Da UnB, 1996.

MÜLLER, Regina Pólo. **Ritual, Schechner e Performance**. Universidade Estadual de Campinas – Brasil. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 11, n. 24, p. 67-85, jul./dez. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832005000200004> (Consultado: 04 fevereiro, 2008).

PEIRANO, Mariza. **O Estatuto das noções de ritual e de performance**. UnB, Série Antropologia, 398.

_____. **Rituais Ontem e Hoje**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

_____. **O Dito e o Feito: ensaios de antropologia dos rituais**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, Núcleo de Antropologia da Política / UFRJ 2002.

SEGALEN, Martine. **Ritos e Rituais Contemporâneos**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2002.

¹ Mestranda em Ciências Sociais – Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Santa Maria –UFSM/RS - Brasil

² No pensamento deste autor não dizem respeito a uma religião determinada.

³ Durkheim, 2006, p. 155.

⁴ Os tríduos são formas de oração realizados em três dias que sucedem o evento propriamente dito.

⁵ Peirano, 2002, p: 27

⁶ Tambiah, 1985: 128 *apud* Peirano, loc. cit

⁷ Peirano, 2002, p:26

⁸ Schechner *apud* Muller, 2005.